

Caso histórico



O artigo em questão mostra, de forma bastante clara, a atuação de agentes da espionagem britânica e estadunidense no Brasil, no início dos anos 40, época em que os Estados Unidos da América (EUA) ainda eram oficialmente neutros no conflito que se desenrolava na Europa e no norte da África. Os fatos bem evidenciam que os EUA não mantinham a neutralidade que apregoavam, aliando-se francamente a um dos lados beligerantes, e que esses fizeram do Brasil e de outros países, embora neutros, palco para suas ações de espionagem, sabotagem e desinformação.

A facilidade com que autoridades brasileiras foram conduzidas a agir conforme os objetivos dos agentes provocadores britânicos demonstra a fragilidade do Estado brasileiro de então ante ações de

* Artigo publicado na REVISTA COLETÂNEA L. Brasília: EsNI, 1977. ano I, n. 11, ago. 1977. p. 36-42.

propaganda e desinformação, tornando evidente a falta de um serviço de Inteligência capaz de se contrapor a ações de espionagem e outras, conforme o que se narra. Cabe recordar que a Inteligência no Brasil ficava então circunscrita aos trabalhos de assessoria prestados pelo Conselho de Defesa Nacional, criado em 29 de novembro de 1927, e às Seções de Defesa Nacional, dos Ministérios, criadas em 1934. Tais organismos eram incapazes de executar qualquer tipo de ação de proteção do Estado contra a Inteligência adversa, uma vez que não dispunham de meios, efetivos e sequer doutrina de emprego, o que somente viria a ocorrer em nosso país a partir da efetiva estruturação, em 1958, do Serviço Federal de Informações e Contra-Inteligência – criado em 6 de setembro de 1946 –, e ainda assim, de forma bastante modesta.

Nesse contexto, no verão de 1940, quando os exércitos alemães ocupavam sete países europeus e se preparavam para invadir a Inglaterra, começou nos EUA – ainda oficialmente neutros – a guerra não-declarada de espionagem, sabotagem e propaganda contra a Alemanha e seus aliados. De um escritório no Rockefeller Center, em Nova Iorque, um canadense, William Stephenson, organizou e dirigiu o que seria descrito como o “maior empreendimento anglo-americano na história da espionagem”: a Coordenação de Segurança Britânica — BSC.

A ação da BSC estendeu-se até o Brasil, no episódio de uma carta forjada, relatado a seguir, que indisparou Getúlio Vargas com os países do Eixo.

Após o encontro entre o primeiro-ministro britânico Winston Churchill e o presidente dos EUA Franklin Roosevelt – a bordo do cruzador Príncipe de Gales, em pleno Atlântico Norte – em agosto de 1941, intensificaram-se as operações conjuntas de Inteligência, embora a opinião pública estadunidense fosse desfavorável à entrada do país na guerra.

Uma ordem urgente do Serviço de Informações Naval britânico exigia a imediata destruição das ligações entre a Europa ocupada e

a América do Sul, que se estava tornando perigosamente generosa na ajuda ao inimigo. Do ponto de vista inglês, para esse fim todos os meios seriam válidos, desde que não prejudicassem a atuação da BSC em Nova Iorque.

Naquele momento, o Brasil, um dos países menos simpáticos à causa aliada, oscilava entre o apoio aos países do Eixo e ao Reino Unido. As opções pareciam ser: assustar os líderes brasileiros a ponto de fazê-los cortar seus laços com o inimigo, ou derrubá-los. Um modo de alcançar qualquer das alternativas seria *plantar* documentos falsos capazes de desacreditar as autoridades brasileiras simpáticas ao Eixo. Na preparação desse ato, participou o presidente da Associação de Editores Canadenses, Charles Vining, que dirigia muitas operações de falsificação conduzidas pela BSC.

— *Você poderia conseguir algo como isso?*, perguntou Stephenson, mostrando-lhe uma folha de papel timbrado.

— *Talvez*, disse Vining olhando o papel contra a luz.

— *E o cabeçalho?*

— *O Departamento de Falsificações não terá muita dificuldade.*

— *E a máquina de escrever?*, perguntou Stephenson.

Vining examinou com atenção o texto datilografado.

— *Máquina italiana?*

— *Sim. E velha.*

— *Será preciso reconstruir uma, com todas as imperfeições*, disse Vining. *É a única cópia?*

— *Não se preocupe*, disse Stephenson. *Conseguiremos o original.*

Do Rockefeller Center, uma mensagem em código foi passada ao chefe do BSC: *“Propomos fazer chegar ao Governo brasileiro uma carta supostamente escrita por uma autoridade italiana a um*

executivo no Brasil. O objetivo é comprometer os serviços aéreos intercontinentais italianos, que têm sido caminho seguro para agentes inimigos, documentos secretos e materiais estratégicos. Solicitamos um exemplar de papel de carta usado pela direção da empresa aérea italiana LATI.”

Uma carta roubada do general Aureliano Liotta, presidente da LATI, em Roma, foi trazida em mão a Nova Iorque. Enquanto isso, o agente britânico no Rio de Janeiro informava que a carta forjada deveria ser endereçada ao comandante Vincenzo Coppola, gerente regional no Brasil. No fim de setembro de 1941, a carta falsa estava sendo produzida. As tintas e o papel empregados foram fabricados com matéria-prima normalmente encontrada apenas na Europa. O cabeçalho em relevo da *Linee Aeree Transcontinentali Italiane S/A* – LATI, companhia de aviação estatal, foi reproduzido por hábeis falsificadores. Uma máquina de escrever rigorosamente idêntica à usada pela LATI em Roma, reproduzindo até mesmo as imperfeições dos tipos, havia sido construída. A carta, dirigida a Coppola, “assinada” pelo Presidente da LATI, dizia:

“Roma, 30 de outubro de 1941 XX

Prezado Camarada,

Recebi seu relatório, chegado cinco dias após ter sido expedido.

Imediatamente foi levado ao conhecimento dos interessados, que o reputaram de alta importância. Confrontamo-lo com outro recebido da Praça del Prete. Ambos apresentam um quadro análogo da situação reinante lá embaixo, mas o seu é mais minucioso. Desejo expressar-lhe meu contentamento. A circunstância de que nesta oportunidade tenhamos obtido informações mais completas que aquelas possuídas por S. e os seus encheu-me de satisfação.

Não temos dúvida de que o gordo esteja cedendo às lisonjas dos americanos e que somente uma intervenção violenta por parte de nossos amigos verdes poderá salvar o país. Depois das conver-

sações mantidas com o representante em Lisboa, nossos colaboradores de Berlim decidiram que tal intervenção deverá ocorrer o mais cedo possível. Porém, você conhece a situação. No dia em que se verificar a modificação, nossos colaboradores muito pouco se preocuparão com nossos interesses e a Lufthansa colherá todas as vantagens. A fim de impedir que isso ocorra devemos procurar o quanto antes nossos amigos de influência entre os verdes. Faça-o sem delonga. Deixo a seu critério decidir quais serão as pessoas mais adequadas: talvez Padilha ou E. P. de Andrade...”

A ousada falsificação parecia parte de uma trama de inspiração fascista contra o presidente Getúlio Vargas, o *gordo*. Os *verdes* eram os integralistas que já haviam atentado contra o regime de Vargas. A última linha da carta acrescentava um insulto final: *“Os brasileiros podem ser, como você diz, uma nação de macacos, mas esses macacos dançarão para quem quer que possa tocar as cordas! Saluti fascisti!”*

Um dos familiares de Vargas era o diretor técnico da companhia aérea italiana. Outros importantes brasileiros tinham participação nas suas operações.

Cópias microfilmadas da carta foram contrabandeadas para o Rio de Janeiro. E as ampliações foram finalmente “plantadas” em mãos de amigos de Vargas. Este ficou furioso, cancelou os direitos de pouso dos aviões da LATI no Brasil e ordenou a prisão do gerente Coppola. Este, porém, suspeitando de algo, havia sacado o equivalente a um milhão de dólares dos fundos da LATI e foi apanhado quando estava a caminho da fronteira argentina.

Esteve a ponto de morrer na fuga, por sinal. Um plano para fazer explodir um de seus aviões, justamente aquele em que estaria viajando, foi suspenso à última hora por Stephenson.

De todo modo, Vargas, enraivecido com os italianos e hostil aos alemães, passou-se para o guarda-chuva anglo-americano. Essa

decisão teria efeitos de longo alcance, quando os EUA vieram a necessitar da produção brasileira de borracha e das bases e portos brasileiros para desencadear operações militares na África. Viria a demonstrar, ademais, que os serviços de Inteligência norte-americanos e britânicos, agindo como provocadores, tinham uma ação consideravelmente maior no Brasil que as suas contrapartes italiana e alemã, atuando decisivamente no processo de distanciamento das nações do Eixo, culminando na declaração de guerra àqueles países, em 1942.

Mais tarde, o FBI alegou, de boa fé, que o golpe da carta forjada havia sido de sua autoria. Explica-se: os papéis falsificados foram tão bem “plantados” que até a Embaixada dos EUA no Rio de Janeiro recebeu cópias por meio de um agente do FBI – que, evidentemente, não estava a par da operação. E os documentos fabricados no Canadá foram tidos como autênticos. Após a operação, a falsificação original foi destruída pela BSC, assim como a reconstruída máquina de escrever.